



ENSINO DE ALEMÃO E DE LÍNGUAS TEUTO-BRASILEIRAS NO BRASIL: DECOLONIALIDADES EM CURSO

Milan Puh¹,
Marina Grilli²,
Ivanete Sampaio³

Editorial

A língua alemã no Brasil tem sido identificada, estudada e ensinada majoritariamente enquanto língua estrangeira, denotando a visão de sua posição enquanto elemento não pertencente ao cenário linguístico brasileiro. Essa condição é sistematicamente reforçada em propostas de formação inicial e continuada, materiais didáticos, atividades educativas complementares, políticas públicas e pela presença de instituições estrangeiras instaladas no Brasil para representar esse alemão estrangeiro.

Porém, a língua alemã, tal qual muitas outras que chegaram a terras sul-americanas a partir de processos de colonização, já está imbricada na história linguística do nosso país e ocupa diversos lugares como língua adicional ou segunda língua, de imigração ou de herança, além de ser muito associada a negócios, estudos e oportunidades em geral. É uma língua de trabalho em muitas empresas alemãs que estão no Brasil, bem como empresas brasileiras criadas por imigrantes germânicos. É língua de aprendizagem acadêmica de quase duas dezenas de cursos superiores brasileiros, formando

¹ Doutor em Educação. UFBA – Instituto de Letras. ORCID: 0000-0002-3231-806X. E-mail: milan.puh1@gmail.com

² Doutora em Educação pela USP. ORCID: 0000-0002-6324-7030. E-mail: marina.grilli.s@gmail.com

³ Doutoranda do PPGLinC-UFBA. ORCID: 0000-0002-4604-4776. E-mail: ivanetedahora@gmail.com

profissionais diversos, e língua de aprendizagem escolar de centenas de alunas e alunos em redes públicas e colégios privados. Muitas pessoas interessadas na música, tecnologia, filosofia e outras áreas do conhecimento decidem estudar alemão.

A presença da língua no Brasil se diversificou ao longo do tempo com o surgimento de línguas teutobrasileiras, baseadas nos falares dos imigrantes de diferentes regiões da Europa em contato com o português falado no Brasil e demais línguas presentes no território brasileiro. Assim sendo, ela não é estranha ao nosso povo, apesar de sofrer preconceitos e estereótipos que acabam afastando os potenciais aprendizes e falantes, bem como diminuindo a percepção da sua importância e contundência enquanto uma das línguas mais faladas no território brasileiro.

Resumidamente, o alemão é uma língua existente no Brasil e do Brasil. Partindo desse pressuposto, é necessário pensar o seu funcionamento em todos os aspectos da vida social, política, econômica, cultural e, especialmente, educacional do nosso país. Por ser “não tão estrangeira”, merece que nos ocupemos dela como parte integral de importantes discussões que têm sido feitas nos últimos tempos.

Uma delas diz respeito ao legado escravocrata e racista da colonização do Brasil, para o qual se aponta há muito tempo, mas que somente agora está chegando à área do ensino de línguas. Dizemos há muito tempo porque existem relatos de educadoras imigrantes e brasileiras, durante o período do Império, que descrevem as mazelas coloniais e racializadas da sociedade brasileira, explicando ao público germanófono a dificuldade de se ensinar alemão do modo como se preconizava em 1870. O exemplo em questão é Ina Von Binzer, mas assim como ela fizeram tantas outras educadoras que passaram pelo país nos últimos 200 anos. Essas profissionais não tiveram, em sua maioria, atuações que pudessem ser chamadas de decoloniais - porém, apresentavam críticas e percepções dos efeitos da colonialidade no Brasil, o que significa que a língua alemã esteve e está fortemente alinhada à história do nosso país.

A falta de produções que tratassem da identificação desse percurso histórico na atualidade, quer no âmbito das escolas, quer das universidades, é característica do ensino

de alemão no Brasil. Foi esse o ponto de partida para o estranhamento percebido por nós, Marina Grilli, Ivanete Sampaio e Milan Puh, três pessoas cujas preocupações eram similares. A pandemia de covid-19 e a subsequente transição emergencial para o formato remoto possibilitaram que nos reuníssemos para conversar sobre as temáticas que dizem respeito ao que hoje se chama decolonialidade, iniciando essa discussão dentro da área do ensino de alemão no Brasil. Após um ano de reflexões, em 2021, fizemos contato com outras pessoas interessadas no assunto e criamos o Grupo de Estudos e Pesquisas no Ensino de Língua Alemã no e do Brasil (GEPELAB), cujo principal objetivo é pensar de modo decolonial e intercultural o ensino de alemão em nosso país.

Uma das iniciativas do recém-constituído GEPELAB é promover este dossiê, no qual autoras e autores possam deixar suas contribuições no sentido de pensar, a partir de um ponto de vista decolonial, o modo como se olha para a língua alemã e seu ensino no Brasil, tendo como resultado os seis artigos aqui reunidos. Assumimos aqui nosso lugar enquanto professoras/es de línguas, que atuam também na formação de professoras/es, problematizando questões relativas ao ensino-aprendizagem de língua para um público que, em muitas regiões do Brasil, é majoritariamente negro. Isso, por si só, configura um movimento decolonial. Buscamos propor uma mudança crítico-reflexiva que toque o ensino-aprendizagem de alemão de modo culturalmente sensível.

A proposta é apresentar reflexões do Sul Global, isto é, de pessoas que são constantemente invisibilizadas e silenciadas pela academia, desafiando as narrativas eurocêntricas dominantes, buscando a justiça social e a igualdade como princípios estruturantes do ensino de línguas. Assim, nos reconhecemos em um paradigma não só decolonial, como também intercultural. A intersecção entre esses dois conceitos torna-se ponto-chave para uma compreensão aprofundada da complexidade das experiências humanas, representando a sobreposição de identidades, narrativas e perspectivas que transcendem fronteiras culturais e históricas, e, assim, desafiam a visão tradicionalmente monocultural do mundo. É um trabalho de pessoas que lutam contra a marginalidade, a discriminação, a desigualdade, que buscam uma transformação social e uma insubordinação às hierarquias coloniais. Em resumo, o dossiê destaca a

necessidade de incorporar a decolonialidade no ensino de alemão para desafiar estruturas coloniais persistentes, promovendo uma abordagem mais justa, igualitária e culturalmente sensível.

O primeiro artigo, “A língua alemã numa comunidade indígena Terena como emancipação linguística” de Alexandre Jorge e Antonio Carlos Santana de Souza, traz uma reflexão essencial e central para a discussão sobre a decolonialidade em sua acepção mais ampla, pois nos faz pensar sobre como colocar em diálogo as comunidades dos povos originários com uma língua que, a princípio, veio para substituir as suas no processo de colonização. Os dois autores utilizam a etnografia como método de pesquisa e partem do escopo teórico dos estudos linguísticos tradicionais e da Sociolinguística. Descrevem e pensam sobre a aprendizagem de língua estrangeira como caminho para estimular a aprendizagem da língua materna, um tema já estudado em outras ocasiões, mas não nesta interface.

No segundo artigo, “Farbe bekennen: História, Narrativas e Memória Social do Movimento Afroalemão” de Cleydia Esteves, temos a oportunidade de conhecer o movimento afroalemão, com enfoque na presença de mulheres negras que fizeram parte do processo de um “novo despertar” que está em transcurso na Alemanha. O texto desta pesquisadora nos traz a possibilidade de pensar a decolonialidade também no território alemão, no qual ainda encontramos produções relativamente reduzidas e pontuais sobre a temática racial, especialmente no que se refere ao ensino de alemão. Tendo contato com um estudo fortemente imbricado com os estudos da literatura, narrativas, gênero, sexualidade, classe e raça, permitirá a construção de um arcabouço conceitual e epistêmico necessário para a sua didatização e transformação praxiológica para ser incorporado na educação em e para a língua alemã.

O terceiro artigo, “Mudando os termos da conversa: questões decoloniais na produção de materiais didáticos para o ensino de alemão” de Dörthe Uphoff e Poliana Coeli Costa Arantes, toca num dos pontos centrais para a discussão da decolonialidade no ensino de línguas no Brasil: a produção de materiais didáticos. Trata-se de um relato referente à

produção de um material didático desenvolvido pelo grupo de pesquisa Zeitgeist, que tem como um dos seus princípios justamente a decolonialidade. As autoras, portanto, começam com a análise de diretrizes e descritores utilizados no ensino de línguas no Brasil, confrontando-as com os critérios de seleção de textos para o projeto editorial, para pensar como possibilitar a produção de materiais didáticos mais situados e socialmente engajados.

No quarto artigo, “A criatividade local na decolonialidade: entrelaçamentos e ações possíveis em meio acadêmico Letras/Alemão” de Elaine Roschel, temos a oportunidade de ver como o conceito da criatividade pode ser entrelaçado com os estudos decoloniais. A autora parte da revisão do que tem se produzido sobre estudos decoloniais para, então, relacioná-los com o conceito de criatividade local, no sentido de questionar como se poderia repensar os cursos de formação inicial na área do alemão nas universidades brasileiras. Assim, o artigo estabelece, tal qual outros deste dossiê, uma relação direta entre a prática e a teoria, princípio essencial para se pensar um ensino decolonial. É a práxis de Paulo Freire.

O quinto artigo, “Ampliando perspectivas no ensino de alemão como língua adicional” de Mergenfel Vaz Ferreira, propõe inserir a discussão sobre a área de alemão como língua adicional (ALA) em uma direção diferente do que tem se feito ultimamente. Por isso, a autora se dispõe a pensar sobre uma formação linguística crítica e cidadã no estudo de alemão pensado para o contexto brasileiro, trazendo para a reflexão as relações étnico-raciais, a representatividade, o pluricentrismo e vários outros termos que podem ajudar a definir como pressupostos orientadores os conceitos de educação linguística e plurilíngue, interculturalidade crítica e decolonialidade. A preocupação central nesse texto é traçar caminhos que possam ajudar a valorizar a experiência local e crítica daquelas/es que estão envolvidas/os no processo de ensino-aprendizagem do alemão.

E no sexto e último artigo, intitulado “O palco nas ondas do rádio e a sala de aula virtual: entre as experimentações transmidiáticas de Bertolt Brecht e o ensino remoto de línguas estrangeiras”, Thereza de Jesus Santos Junqueira nos traz de modo indireto mais uma

experiência que pode servir como referência a no âmbito dos estudos decoloniais, ao apresentar um trabalho com peça radiofônica de Bertolt Brecht no contexto de ensino emergencial durante a pandemia recente. A autora buscou pensar como um trabalho mais comprometido e consciente com produções literárias pode ajudar a conceber um outro modo de ensinar alemão, especialmente se pensarmos no contexto online, que segue sendo relevante mesmo após declarado o fim da pandemia de covid-19.

Com este dossiê, pretendemos colocar em xeque o legado do colonialismo no ensino de alemão, promovendo uma perspectiva que desafia as narrativas eurocêntricas dominantes e buscando a justiça social e a igualdade como princípios estruturantes do ensino de línguas – muito além do estruturalismo e do funcionalismo linguístico. Defendemos um ensino de línguas para o povo brasileiro que seja capaz de desafiar estereótipos, preconceitos e discriminações, rumo a uma educação linguística verdadeiramente emancipadora.